

## A VIDA É UMA COLEÇÃO DE MORTES

Maria Lúcia Outeiro FERNANDES<sup>85</sup>

FURTADO, F. F. F. **Um dia, o trem.** São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2008. 48 p.

Com singular talento Fernando Fabio Fiorese Furtado sopra espírito na matéria e transfigura um momento fugaz, banal, em experiência epifânica, quando um pai toma consciência de sua finitude e fragilidade, enquanto o filho experimenta o primeiro alumbramento diante de um trem colossal, que surge de repente, com toda sua grandiosidade: “Trem é coisa de se medir com mar” (FURTADO, 2008, p.21).

O aparecimento do trem provoca o encontro mítico entre dois meninos. De um lado, a criança, símbolo da infância, que segue de mão dada com o pai, o ser mais poderoso de que tem notícia até se deparar com a primeira visão de um “colosso”, ou seja, um trem em movimento, com suas luzes e balanços ruidosos; de outro lado, o menino que foi o pai, que emerge da memória deste, no momento em que morre um pouco para o próprio filho, deixando de ser seu herói.

Morrer, para este pai, também significa perder o chão sobre o qual se apoia seu destino de pai. Significa, ainda, deparar-se com a própria morte do menino que também foi, que o espreita do fundo da memória. Portanto, ao morrer para o filho, o pai depara-se com a própria morte, nomeada pelo poeta como “desastre”.

Desse modo, um trem, personificado pelo artigo definido e transformado em metáfora – “o trem” – é o elemento desencadeador da experiência lírica e o principal estruturador dos poemas que compõem o livro *Um dia, o trem* (2008), do poeta mineiro Fernando Fabio Fiorese Furtado. Ao lado da metáfora do menino e de outras metáforas com que o poeta costura seus versos, o trem passa a constituir elemento gerador de uma obra de arte de excepcional beleza, ao desencadear uma multiplicidade de sentidos, que se irradiam pelas imagens, sonoridades, palavras, versos, estrofes, configurando poemas que dramatizam ambíguas e sutis tensões entre o alumbramento e o desastre:

---

<sup>85</sup> Departamento de Literatura, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, UNESP, campus de Araraquara, CEP 14800-901, Araraquara, SP, Brasil – [maria\\_lucia@vivax.com.br](mailto:maria_lucia@vivax.com.br)

## Trem-metáfora

E muda o trem em metáfora quando,  
do menino, o menino desentende;  
pode-se dizer prolifera em ângulos,  
qual rascunho de autor indestro ou doente  
por não saber as curvas de aplacá-lo,  
nem as retas onde o corpo demora,  
até atravessar, sem cancela ou calos,  
a distância que, em outros, o desdobra.

[...]

(FURTADO, 2008, p.33).

A presença de uma voz narradora confere distanciamento ao sujeito lírico, que espreita os poemas, como se de outro falasse. O recurso narrativo reforça o tom épico que ecoa pelos versos, em sua maioria decassílabos, com rimas toantes. Mas, o discurso lírico, que tem raízes na memória e não revela preocupação de contar histórias, é fortalecido pela fusão das esferas objetiva e subjetiva, pelas múltiplas irradiações dos sons e dos sentidos entrelaçados, pela predominância de um tempo presente, que cristaliza o excepcional momento: “Eis que o menino admira ter na sua / a mão do pai” (FURTADO, 2008, p.13). Ao lado dos infinitivos e condicionais, o tempo presente atribui a certas realidades, evocadas nos versos, a eternidade das verdades imutáveis: “desses o pai sabe a fábula e glosa, / como de posse do olho de Balzac / tudo pudesse demudar em prosa / para adiar a morte daquela tarde” (p.13).

Correndo o risco de simplificar livro tão complexo na sua concepção e na esmerada elaboração, não seria exagero afirmar que o tema central de *Um dia, o trem* é: a vida é uma coleção de mortes. Fazer poesia, para Fiorese, é falar dessa coleção de mortes, entreter-se com elas e, desse modo, fingir que se escapa da maior de todas, a inexorável, a última e fatal morte.

O tema da morte, que se dissemina pelo livro, é tratado de maneira direta no poema “A morte como metáfora”:

Talvez outra metáfora ainda possa  
antes deste texto descarrilar-se  
— ou enfim estacar no livro-gare,  
à espera de uma voz que, sendo oposta,  
o conduza por avessas passagens  
(passagens sem número, sem sintaxe),  
para assim desfazer-se na manobra  
que realiza entre o desvio e o desastre.

Análoga àquela que assombra o pai  
quando dele o trem a altura subtrai,  
uma outra morte o poema epiloga.  
E se digo tratar-se de metáfora,  
é porque, com seus modos e manobras,  
nela a palavra desvia e me ultrapassa,  
tal fosse menos termo do que mote  
o que do autor é um corpo discorde.  
(FURTADO, 2008, p.39).

“Corpo discorde” é o título do poema que se segue, penúltimo do livro, onde o poeta se apropria, destacando com itálico e citando a fonte em nota à parte, de um verso de Heráclito (FURTADO, 2008, p.45): “Deste corpo, aqui se diz discorde / porque mudar em texto o menino / *tem por nome a vida, por obra a morte*” (p.41).

Finalmente, o livro se fecha com o poema “Envoi”. A ambiguidade do termo – o vocábulo francês pode ser lido como envio, remessa, mas também se refere, como termo técnico, aos versos finais de um poema, particularmente de uma balada, contendo uma homenagem. Conferindo ao leitor autoridade como intérprete do poema, estes versos também lhe transmitem a tarefa de glosar o mote cantado no livro, já que se trata de tema exemplar, passível de ser compreendido e reelaborado por todo ser humano:

Há de entender o leitor tanto adiar,  
Pois o menino no adulto demora  
Conforme uma medida que lhe é própria:  
Não marca tempo, nem guarda lugar.  
Aponta a morte com o riso fácil  
[...]  
(FURTADO, 2008, p.43).

Publicado em comemoração aos 25 anos do primeiro livro do autor, *Leia, não é cartomante* (1982), *Um dia, o trem* também dialoga com poemas anteriores e dá continuidade à constante reflexão acerca do próprio fazer poético, uma das marcas da poesia de Fiorese.

As metáforas que associam o ato da escrita à costura predominam nas reflexões metapoéticas que perpassam o livro, delineando-se de modo mais preciso no poema “Escrever por agulhas”:

E se o menino, na urgência de longes,  
do trem separa, aparta-se da gare  
para embarcar um tandem de horizontes,

não descuro do carvão, mesmo lápis,  
 com que escreve dias-mapa, cartas-ponte,  
 como a palavra fosse o desembarque  
 no qual reúne porquês, quandos e ondes,  
 enquanto a infância manobra e parte.  
 [...]  
 (FURTADO, 2008, p.31).

A imagem da escrita como arte de costurar é uma das mais recorrentes nos livros de Fiorese. No poema “Conversa de alfaiataria”, do livro *Corpo portátil*, o poeta a descreve com detalhes:

— Em tal ofício, menos não se admite,  
 ainda que a obra seja para o cabide,  
 não descuro a severa matemática.

Nem cós nem colarinho aqui se avia  
 como se fora rol de mercearia,  
 pois, à roda do metro (diz a prática),

um corpo recusa, menino e agreste,  
 a cifra com que confirme e ateste  
 a medida do homem e a sua hora.

— Pouca ou nenhuma serventia terá  
 o método que queira abolir o azar.  
 Trata-se de pôr o número à prova.  
 [...]  
 (FURTADO, 2002, p.39).

O ofício do poeta, portanto, não dispensa o cálculo, o zelo pelo metro, mas também não busca abolir o acaso, a finitude e o imponderável da vida. Desse modo, se o poeta domina com presteza as regras da sua arte, o menino que permanece nele brinca, espreita e se espanta com a vida.

#### REFERÊNCIAS

- FURTADO, F. F. F. **Um dia, o trem**. São Paulo: Nankin; Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Corpo portátil**. São Paulo: Escrituras, 2002.